



e vid ente mente.

1 A obra *e vid ente mente*, *Histórias da Educação*, de António Nóvoa, publicada no início deste ano, é constituída por um livro e um CD-ROM que inclui ainda quatro documentos: um Repertório da Imprensa de Educação e Ensino, um Dicionário de Educadores Portugueses, um Catálogo da Imprensa de Educação e Ensino e uma Bibliografia Portuguesa da Educação. Estamos, portanto, perante um conjunto de textos, de tipo diferente, mas todos eles dedicados à Educação Portuguesa nos séculos XIX e XX, em especial de 1820 a 1974. Neste texto apenas farei referência ao livro.

O autor não precisa de apresentação pois é sobejamente conhecido nos *fora* educativos portugueses e internacionais. Professor universitário, investigador, historiador e formador de professores, tem uma vasta bibliografia que os professores e investigadores conhecem, apreciam e estudam. A sua contribuição para a História da Educação Portuguesa é um marco fundamental na construção desta disciplina, tão pouco valorizada em Portugal nos currículos de formação de professores.

2 António Nóvoa abre o livro avisando o leitor da originalidade da sua estrutura: "O livro está desenhado como uma espécie de *cadavre exquis*. É uma montagem, razoavelmente aleatória, e desordenada, de palavras e de imagens. Não há qualquer intenção de definir um território, mas apenas de mostrar alguns dos acontecimentos que nele tiveram lugar. (p. 9)". E como se explica a fonte de inspiração no *cadavre exquis* dos surrealistas? Justamente porque, tal como os jogos literários ou artísticos por eles praticados, de forma colectiva e sem que cada um soubesse o que os outros tinham escrito ou desenhado ou escreveriam ou desenhariam a seguir, também este livro foi escrito inspirado neste processo de construção colectiva. Naturalmente que a inspiração nos surrealistas, ilustrada pelo *cadavre exquis* de Cruzeiro Seixas e Eurico Gonçalves "que abre simbolicamente o livro", como refere António Nóvoa, não é mais de que uma inspiração, pois o livro, apesar da diversidade dos temas e da sua abordagem autónoma e sem obediência estrita à cronologia, apresenta uma escrita coerente e de agradável leitura. Não é visível para o leitor a diversidade de autores que nele cola-

borou pois sendo um "produto de várias mãos" o autor assumiu a tarefa de o escrever, escolhendo um estilo simples e claro onde quase sempre se identificam vários tons, mais ou menos esbatidos: informação sucinta, explicação, justificação e opinião do autor.

Os cinquenta textos do livro constituem um *Corpus* documental de âmbito diverso e são apresentados como uma espécie de entradas de um dicionário, não por palavras mas por títulos, explicitados por uma extensão ou sub-título. Cada texto, de uma página apenas, corresponde a um tema diferente e é delimitado por uma régua cronológica que situa o leitor no tempo histórico a que o assunto se refere.

Em todos os textos encontramos informação sucinta e clara sobre o tema, fundamentada por referências bibliográficas indicativas e acompanhada por um questionamento útil, pertinente e estimulante.

Muitos dos temas aqui abordados mostram ter ainda, e nem sempre pelas melhores razões, grande actualidade. Aliás é António Nóvoa que nos diz: "À medida que as páginas avançam, o leitor deparar-se-á, provavelmente, com um sentimento de estranha familiaridade. Como se estivéssemos sempre a discutir as mesmas matérias, e sempre da mesma maneira. Como se, no campo da educação não houvesse a possibilidade de acumular conhecimento, de nos apropriarmos da experiência histórica e de sobre ela praticarmos um exercício de lucidez." (p. 10)

A título de exemplo e motivada pelo meu interesse pessoal, comentarei alguns, começando por "Escolaridade obrigatória Uma intenção longamente incumprida" (p. 25).

Numa altura em que se muda a escolaridade obrigatória em Portugal do 9º ano para o 12º ano e sabendo que não conseguimos ainda que todos os jovens acabem o 3º ciclo com sucesso, o que nos ensina este texto? Ficamos a saber que "Portugal foi um dos primeiros países na Europa a legislar sobre a obrigatoriedade escolar. Foi um dos últimos a cumpri-la". António Nóvoa avança uma explicação: "E porquê? A pergunta tem muitas respostas: a fragilidade da acção do Estado,

a insuficiência das elites, a insignificância da iniciativa particular, as resistências várias à cultura. A geografia do atraso cruza-se sempre com a geografia da ignorância e da pobreza." Será que mudou alguma coisa em Portugal que contrarie esta explicação? Não creio. Aliás, sugiro a leitura cruzada deste texto com os quatro textos sobre "O Atraso educacional" e que nos são apresentados de forma muito curiosa em "Quatro andamentos". O 1º andamento, na página 37, refere-se a "Meados do século XIX", o 2º na página 69 diz respeito "À transição do século XIX para o século XX", e o 3º na página 113 a "Meados do século XX". Em todos eles é evidenciado o atraso de Portugal. Imputado ao "estado caótico da instrução pública" (no 1º andamento), atraso que vai crescendo e resistindo às sucessivas reformas, "imaginadas a partir do centro em vez de dotar as escolas de capacidades autónomas de inovação e de desenvolvimento" (2º andamento); e assim Portugal chega a meados do século XX, arrastando o atraso acumulado e "vai-se descobrindo, periodicamente, um país atrasado. Fixamos metas imaginando os outros países parados. Por isso, quando as cumprimos, constatamos perturbados que a distância que nos separa da "civilização" é cada vez maior ..." (3º andamento). Quanto ao 4º andamento "Transição do século XX para o século XXI", parece não ter nada de novo a dizer sobre o atraso que continua a manifestar-se com muita crueza. São avançados indicadores vários e mais reformas tiveram lugar. O que sabemos mas temos vontade de esquecer.

A futura actualização deste livro mostrará se o 5º andamento irá trazer melhores notícias ou se o tom da música é o mesmo ...

Relacionado com esta temática é interessante ler o texto "Superstição do diploma e "Empregomania" Há sempre estudantes a mais?" (p. 105). Da leitura deste texto ficamos a saber que já no século XX o excesso de diplomados era uma queixa habitual e também ela estranha quando relacionada com as baixas qualificações escolares da população portuguesa. Afinal também isto transitou para os séculos seguintes pois é frequente este assunto ser objecto de análise e discussão ainda hoje. António Nóvoa explica: "É um discurso recorrente na sociedade portuguesa. A crítica ao excesso de diplomados esquece que Portugal foi, e continua a ser, o país menos escolarizado da Europa. Seguimos prisioneiros de um sistema pensado para formar cada um à medida do lugar profissional que lhe está destinado, em vez de adoptarmos uma política de valorização pessoal e de qualificação escolar de todos."

Uma outra escolha refere-se a dois textos que podem também ser lidos em conjunto, ambos versando "Formação de professores". São os seguintes: "Formação de Professores do Ensino Primário Aprender para ensinar" (p. 39) e "Formação de Professores do Ensino Secundário Cem anos de indecisão" (p. 41). Também aqui as questões continuam em aberto

e as exigências da Declaração de Bolonha, trarão mudanças que dificilmente reunirão consensos. Atrevo-me a trazer para este comentário a última frase do 2º texto que me parece actual e oportuna: "Sobrepôr as disciplinas de base às *ciências da educação* e às *práticas de ensino* não resolve qualquer problema. Mas são muitos os interesses que dificultam a necessária reforma. E não será a formação contínua a colmatar as deficiências da formação inicial. O século XXI abre com uma grave indecisão nesta matéria."

Permito-me ainda recordar que a formação contínua já não existe há muito tempo em Portugal e que a maneira como a formação em serviço de professores tem sido realizada nos últimos anos só nos deixa envergonhados. Para não falar como foi "tratado", agora, o estágio dos cursos do ramo educacional das universidades.

Há ainda outros textos que gostaria de comentar, todos eles de grande interesse e actualidade, mas o espaço não o permite. Cito apenas três para aguçar o interesse dos leitores: (i) "A ignorância dos alunos O eterno regresso do mesmo discurso" (p. 57), ou (ii) "Pais e Professores face aos exames O Diploma ou o Saber?" (pag 55), e ainda (iii) "O melhor professor Não é o que mais ensina, É o que mais faz aprender" (p. 95). A escolha é difícil, o espaço curto e o tempo está mais para a leitura do que para a escrita.

Não sendo historiadora, nem professora de História e tendo descoberto, já tarde, que gosto de saber do passado, só posso concordar com António Nóvoa quando escreve. "Sei que, em educação, a história não tem "lições" para dar. Mas tem, certamente, matéria suficiente para nos dar que pensar" (p. 11).

Para terminar:

- (i) Um índice ajudava muito a ler o livro.
- (ii) Se me é permitida uma sugestão em relação a obras futuras, era interessante a história das disciplinas. Era um olhar diferente e que me parece fazer falta.
- (iii) Apenas uma nota desagradável: o cheiro a tinta que o livro emana (será só do meu?) perturbou a minha leitura. Penso que não envenenou o meu pensamento ...

Nota

- 1 A designação *cadavre exquis* foi retirada da primeira frase de um desses jogos linguísticos: "le cadavre-exquis boira le vin nouveau". Pretendia-se com este jogo colectivo a construção de um "produto" que não obedecia a nenhuma lógica de sentido, devendo ser respeitada apenas uma ordem gramatical.

Luísa Solla

Escola Superior de Educação de Setúbal